

Afetos Insurgentes: Enquadramentos de um ativismo anarquista relacional

*Insurgent Affections: Framings of a Relational Anarchist
Activism*

*Afectos Insurgentes: Encuadres de un activismo
anarquista relacional*

*Giovane Scremin¹
Carla Rizzotto²*

Resumo

Este artigo examina o uso da comunicação pelo ativismo anarquista relacional brasileiro para mobilização política não monogâmica. Escolhemos como objeto o projeto digital Afetos Insurgentes, ativo desde 2019. A partir da teoria dos processos de alinhamento de quadros (Snow *et al.*, 1986), analisamos as estratégias de alinhamento utilizadas nos textos autorais publicados pelo projeto de 2019 a 2023 na plataforma Medium com o objetivo de compreender como o projeto constrói suas abordagens comunicativas para mobilização política. Nossa análise identificou o uso das estratégias de *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension*, destacando-se a de *frame transformation*, exemplificado pelo esforço para transformar o enquadramento socialmente estabelecido da monogamia.

Palavras-chave: Anarquismo. Ativismo Digital. *Frame Alignment*. Não Monogamia.

¹ Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM/UFPR. Bolsista CAPES. Pesquisador do grupo de pesquisa em Comunicação e Participação Política (COMPA). E-mail: giovanescremin@outlook.com

² Doutora em Comunicação. Professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação e do PPGCOM/UFPR. Coordenadora do grupo de pesquisa em Comunicação e Participação Política (COMPA). E-mail: carlarizzotto84@gmail.com

Abstract

This article examines the use of communication by Brazilian relationship anarchy activism for non-monogamous political mobilization. We chose as our object the digital project Afetos Insurgentes, active since 2019. Based on the theory of frame alignment processes (Snow et al., 1986), we analyzed the alignment strategies used in the authorial texts published by the project from 2019 to 2023 on platform Medium with the aim of understanding how the project constructs its communicative approaches for political mobilization. Our analysis identified the use of frame bridging, amplification, and extension strategies, with emphasis on frame transformation, exemplified by the effort to transform the socially established framing of monogamy.

Keywords: *Anarchism. Digital Activism. Frame Alignment. Non-Monogamy.*

Resumen

Este artículo examina el uso de la comunicación por parte del activismo anarquista relacional brasileño para la movilización política no monógama. Elegimos como objeto el proyecto digital Afectos Insurgentes, activo desde 2019. A partir de la teoría de los procesos de alineación de marcos (frame alignment, Snow et al., 1986), analizamos las estrategias de alineación utilizadas en los textos autorales publicados por el proyecto entre 2019 y 2023 en la plataforma Medium, con el objetivo de comprender cómo construye sus enfoques comunicativos para la movilización política. Nuestro análisis identificó el uso de las estrategias de frame bridging, frame amplification y frame extension, destacándose la de frame transformation, ejemplificada por el esfuerzo de transformar el marco socialmente establecido de la monogamia.

Palabras clave: *Anarquismo. Activismo Digital. Frame Alignment. No Monogamia.*

Introdução

As não monogâmias ocupam cada vez mais espaço no debate nacional, seja através da mídia ou da pesquisa científica. Porém, conforme o mapeamento de Gonçalves (2022), sua observação na academia tem se limitado quase que totalmente a três campos: antropologia, direito e psicologia. Existe um potencial ainda pouco explorado nesse tema para o campo da comunicação, principalmente levando em conta a relação apreendida pelo pesquisador entre as redes sociais digitais e as comunidades não monogâmicas.

Segundo Pilão (2022), a formação de um movimento não monogâmico no Brasil teve início na década de 2000 através de poliamoristas e da Rede Relações Livres, que “desenvolveram um ativismo em torno da legitimação da multiplicidade afetiva e sexual e de resistência à monogamia” (p. 5). Mais recentemente, novos atores e coletivos políticos têm renovado o debate público acerca do tema (Gonçalves, 2021). Interessa-nos explorar a chegada da filosofia anarquista relacional, que propõe expandir os princípios do anarquismo para o âmbito das relações interpessoais, no cenário brasileiro.

O ativismo de mídia tem sido um longo aliado na propagação de ideais contra-hegemônicos (Jeppesen *et al.*, 2014), o que nos motivou a olhar para a mídia anarquista relacional. Escolhemos como objeto empírico desta pesquisa o projeto digital Afetos Insurgentes, representante que acumula 11,6 mil seguidores no Instagram e 3,9 mil no X (anteriormente Twitter) e que é destacado na pesquisa de Gonçalves (2022) por sua relevância numérica. Foram analisados 30 textos autorais publicados pelo projeto entre 2019 e 2023 a fim de responder à seguinte questão: quais estratégias comunicativas para mobilização política estão presentes na produção midiática do projeto Afetos Insurgentes?

A partir da teoria do alinhamento de quadros interpretativos (Snow *et al.*, 1986), que subdivide as estratégias de alinhamento em *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension* e *frame transformation*, submetemos o corpus textual a uma análise de conteúdo dedutiva. A análise indicou a presença das quatro estratégias elaboradas pelos autores, com a prevalência de *frame transformation*, ou seja, do esforço para transformar interpretações socialmente estabelecidas.

Este artigo está estruturado em três partes. Na primeira parte, apresentamos o anarquismo e sua política prefigurativa, seguido pelo movimento não monogâmico brasileiro e, então, a anarquia relacional como ponto de convergência entre eles. Na segunda parte, tratamos do referencial teórico-metodológico da análise de enquadramento e de sua aplicação no objeto empírico. Por último, trazemos a análise do corpus textual e a discussão dos resultados obtidos.

Monogamia versus anarquia

Anarquismo e movimentos sociais

O anarquismo é uma filosofia política nascida no século XIX sob a influência do pensamento socialista, que por sua vez teve origem nos ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa. Situado na esquerda radical, o anarquismo se opõe às organizações hierárquicas e ao poder centralizado, historicamente tendo o Estado como seu principal antagonista. Na perspectiva anarquista, as justificativas para a legitimidade do Estado oferecidas pelas demais filosofias modernas, como o contratualismo, mascaram uma realidade violenta de coerção (Amster, 2018). Consequentemente, os movimentos anarquistas não lutam pela acomodação de suas demandas, mas por autonomia.

Para o sociólogo Jeffrey Shantz, o anarquismo e sua política têm sido menosprezados sistematicamente pelas teorias dos movimentos sociais devido ao “estatismo esmagador” das abordagens sociológicas dominantes (Shantz, 2020). Como efeito, costuma-se deduzir que o alvo dos movimentos são sempre as autoridades estatais, e que seus objetivos são reformas institucionais. Porém, as reivindicações anarquistas se distanciam da busca por reconhecimento que caracteriza outros movimentos:

Anarquistas não procuram aceitação ou tolerância para identidades ou culturas dentro de uma estrutura estatista (*a la* multiculturalismo ou políticas de diversidade). Em vez disso, expressam uma autonomia cultural que enfatiza práticas e relações autodeterminadas que quebram a dependência em (ou definição por) esse Estado. (Shantz, 2020, p. 38, tradução própria).

Shantz (2020) reconhece uma tendência entre teóricos dos movimentos sociais³ de ver a busca por autodeterminação e o uso da ação direta como protestos primitivos, nostálgicos, imaturos. “A maturidade política supostamente vem com o reconhecimento da permanência (e legitimidade e desejabilidade?) do Estado.” (p. 40, tradução própria). Esse estreitamento teórico resulta em um déficit de pesquisas empíricas sobre movimentos de orientação anarquista, o qual esperamos contribuir para superar.

Outro tipo mais explícito de oposição ao anarquismo é exemplificado por Nancy Fraser e Chantal Mouffe, que interpretam a decisão de não conciliar com o Estado como uma espécie de despolitização. Para Fraser (2014), “a visão de que representação equivale a dominação é demasiado hiperbólica” (p. 143, tradução própria), e o anarquismo, ao focar na construção de alternativas às instituições políticas formais, pode perder oportunidades de transformação. Já Mouffe (2009) afirma categoricamente: “não temos outra escolha senão nos envolvermos com práticas hegemônicas” (p. 235, tradução própria). Entretanto, Monticelli (2021) – em harmonia com Shantz – sugere que esse tipo de argumentação resulta das limitações dos referenciais acadêmicos dominantes em abordar a política prefigurativa, que “visa transcender o capitalismo abordando a reprodução social, incorporando a mudança e remodelando radicalmente as necessidades, hábitos e crenças humanas.” (p. 102, tradução própria).

Compreendemos a crítica das referidas autoras a respeito da limitação da possibilidade de ação dentro das esferas de poder existentes. É justamente a postura singular dos movimentos anarquistas que motiva a pesquisa de mestrado da qual este estudo é parte: podemos simultaneamente expandir o olhar sobre a política prefigurativa e sobre as não monogâmias no campo da comunicação. Estamos particularmente interessados no uso de redes sociais digitais como plataformas de comunicação estratégica por movimentos autônomos de esquerda.

Ativismos não monogâmicos

Segundo Pilão (2022), a construção de um movimento não monogâmico brasileiro teve início na década de 2000 e, por muito tempo, foi levada adiante por dois grupos: poliamoristas e membros da Rede Relações Livres (RLi).

O poliamor ganhou espaço por meio de comunidades virtuais, e se consolidou com a formação da Rede Pratique Poliamor Brasil em 2011. Uma das iniciativas da rede foi buscar reconhecimento jurídico para uniões poliafetivas, resultando no primeiro registro de união

³ Alguns dos nomes mencionados pelo autor são Hank Johnston, Charles Tilly, Donatella della Porta, Jo Freeman e Victoria Johnson.

estável de três ou mais pessoas em 2012, o que ajudou a popularizar o termo *poliamor*. Já o movimento Relações Livres surgiu ligado a grupos feministas e socialistas de Porto Alegre em 2006, e se expandiu para outras capitais, tornando-se a Rede Relações Livres em 2009. Os membros fundamentaram sua crítica à monogamia na teoria marxista, e a formulação do termo *relações livres* veio da conclusão de que modelos como casamento aberto, *swing* e poliamor não os contemplavam (Pilão, 2022).

Por esse motivo, era importante para os RLi se diferenciarem dos poliamoristas, e a “demarcação de fronteiras” (p. 10) gerou conflitos entre esses atores. Apesar de tentativas de unificar o ativismo não monogâmico, como os Encontros das Manifestações Não-Monogâmicas em 2011 e 2012, Pilão (2022) afirma que a divisão entre os grupos se tornou cada vez mais profunda. O autor então conclui que a disputa entre poliamoristas e RLi levou ao enfraquecimento dessas identidades, e que desde o final da década de 2010 a categoria abrangente “não monogamia” tem crescido.

O cenário da década atual é atualizado por Gonçalves (2021). Ele identifica um desentendimento no debate público envolvendo os termos *monogamia* e *não monogamia*: para o senso comum, a monogamia é um “acordo liberal feito entre pares” (p. 64); para os ativistas não monogâmicos, que agora partem principalmente de referenciais anticoloniais/decoloniais, o mesmo fenômeno é interpretado como uma norma colonial, misógina e lgbtfóbica que precede o indivíduo. Há então um conflito entre o que podemos chamar de perspectivas individualistas e estruturalistas sobre a monogamia.

Para dar um exemplo da perspectiva anticolonial, trazemos o estudo de Núñez, Oliveira e Lago (2021), que remonta a imposição jurídica e moral da monogamia em nosso território aos primórdios da colonização: sendo o catolicismo parte fundamental do projeto “civilizatório” europeu, era necessário para o sucesso da conversão que o modelo cristão de matrimônio, a monogamia, substituísse as relações de parentesco dos indígenas, considerados poligâmicos. O Estado brasileiro e sua prescrição da monogamia seriam continuadores desse projeto:

Até 2005 o adultério constava no Código Penal brasileiro como um crime passível de encarceramento, o que evidencia a profunda inspiração cristã para este Estado pretensamente laico, visto que aquilo que na Igreja era/é posto como um pecado encontra correspondência na lei como um crime. Mesmo tendo sido retirado do Código Penal, no Código Civil vigente, no Capítulo IX - Da eficácia do casamento, no artigo 1566, o primeiro item elencado no título “Deveres de ambos os cônjuges” é a “fidelidade recíproca”. A monogamia faz parte da conjuntura da família a ser defendida pelo Estado, caracterizada também pela heterocisnorma que orienta a misoginia e a lgbtfobia. (Núñez; Oliveira; Lago, 2021, p. 79-80).

Os autores então criticam o uso dicotômico dos termos *monogamia* e *poligamia* em áreas como a antropologia, a história e a psicologia por reduzir o debate à quantidade de parceiros. A opção pelo termo *não monogamia* é justificada por mudar o foco para uma negação política da monogamia que não precisa partir da poligamia ou mesmo do poliamor (Núñez; Oliveira; Lago, 2021). Nesse sentido, apesar do enfraquecimento da RLi, sua crítica ao poliamor parece ter alcançado a hegemonia no interior do movimento no Brasil.

A crítica estrutural do movimento brasileiro ao papel do Estado na normatização da monogamia e à influência da moralidade cristã na cultura possui afinidade com o pensamento anarquista. A seção seguinte será dedicada a apresentar a anarquia relacional em sua relação com o anarquismo.

Anarquia relacional

O antiestatismo não esgota o anarquismo: sistemas de dominação como o capitalismo, o sexismo e o racismo, por exemplo, também são problematizados (Amster, 2018). Já nos séculos XIX e XX, durante a “primeira onda do feminismo”, mulheres anarquistas como Emma Goldman e Voltairine de Cleyre estavam rejeitando o reformismo das sufragistas em favor de uma transformação radical da sociedade. Elas aplicavam a crítica anti-hierárquica do anarquismo à dominação de gênero e apostavam no amor livre como alternativa ao casamento. Na segunda metade do século XX, o anarcafeminismo estava consolidado e influenciando outras vertentes feministas, e abriu caminho para o anarquismo queer, que aprofundou a crítica à hierarquização de práticas sexuais e afetivas (Nicholas, 2019).

É sob essa influência que, na década de 2000, foi concebida a anarquia relacional: uma filosofia para relações íntimas guiada pelos princípios anarquistas, feministas e queer (Cortés, 2020).

Especificamente, a anarquia relacional (inicialmente chamada de “relacionamentos radicais” por aqueles que a propuseram) oferece uma crítica à normatividade do âmbito pessoal, da vida íntima e dos laços afetivos e cotidianos. Partindo da tradicional oposição explícita ao Estado, à Igreja, à autoridade e ao jugo hierárquico das elites políticas, religiosas e econômicas, ela muda para outro paradigma. Este paradigma se concentra em abordar os eixos de poder representados pelo patriarcado e o atual sistema social, que é baseado na família reprodutiva, heterocêntrica, nuclear e no sistema monogâmico normativo. (Cortés, 2020, p. 24, tradução própria).

O termo *anarquia relacional* foi cunhado em 2006 pela ativista queer sueca Andie Nordgren através do panfleto *Relationsanarki i 8 punkter* [Anarquia de relacionamento em oito pontos], distribuído em um evento anarquista em Estocolmo no qual Nordgren também foi palestrante. A popularização teve início em 2012, quando uma versão em inglês foi postada na página de Nordgren no microblog Tumblr,⁴ e desde então o conceito tem se expandido globalmente. A ativista propôs o modelo como alternativa a práticas como o amor livre ou o poliamor que, apesar de serem mais populares entre anarquistas, acabariam reforçando hierarquias ao centralizar os relacionamentos afetivo-sexuais desde seus nomes. Em vez disso, a anarquia relacional está comprometida em questionar a importância dada à presença do fator romântico e/ou sexual nas relações interpessoais, o que se reflete no termo escolhido (Cortés, 2020). Isso converge com a crítica de Núñez, Oliveira e Lago (2021) aos termos que focam na quantidade de parceiros.

Segundo Cortés (2020), a anarquia relacional vem atraindo a atenção de acadêmicos, coletivos queer e não monogâmicos, pessoas assexuais e arromânticas, e culturas pós-coloniais. Sua explicação para o interesse dos povos colonizados também possui semelhanças com o argumento de Núñez, Oliveira e Lago (2021):

A cultura ocidental mantém um forte senso de supremacia sobre outras tradições culturais. Essa ideia de superioridade está ancorada em fatos objetivos, como o domínio militar, científico e tecnológico, mas se estende automaticamente a aspectos religiosos e morais, como monoteísmo versus politeísmo, a relação com a natureza (dominância versus fusão) ou as relações entre as pessoas (monogamia

⁴ Uma versão em português pode ser lida em <https://bibliotecaanarquista.org/library/andie-nordgren-um-breve-manifesto-instrucional-para-a-anarquia-relacional>. Acesso em: 11 ago. 2025.

estrutural versus diferentes formas de poliginia e poliandria). (Cortés, 2020, p. 46, tradução própria).

A chegada da anarquia relacional no Brasil é uma prova de sua ressonância, sendo assim um tema pertinente a ser investigado. A partir do levantamento de Gonçalves (2022) sobre novos atores políticos no ativismo não monogâmico brasileiro, escolhemos como objeto o projeto Afetos Insurgentes, que se define como “um espaço para refletir sobre o papel social e político das relações interpessoais de afeto, e as estruturas de poder e normatividade que operam nessas relações.” (Afetos Insurgentes, [s.d.]). Além da relevância numérica apontada por Gonçalves, o objeto foi escolhido por servir como um agregador de produções a respeito do tema, o que garante maior coerência à análise.

Prudencio e Santos (2011) defendem que a subversão da lógica midiática realizada por movimentos sociais com o ativismo de mídia pode ser devidamente examinada através da chamada análise de enquadramento. A seguir, abordaremos esse referencial e sua aplicação nesta pesquisa.

Percurso metodológico

A análise de quadros ou análise de enquadramento (*frame analysis*) elaborada pelo sociólogo Erving Goffman tem sido extremamente influente nos estudos de movimentos sociais desde os anos 1980, quando se popularizou uma rejeição a perspectivas teóricas funcionalistas em favor da análise da dimensão simbólica. Apoiados na noção de “quadro” como um esquema de interpretação da realidade, teóricos dos movimentos sociais reformularam as elaborações de Goffman para estudar ações coletivas (Silva; Cotanda; Pereira, 2017). Trata-se de uma abordagem construcionista social que consideramos adequada para lidar com a disputa de sentidos apontada por Gonçalves (2021), já que seu foco é justamente o trabalho de significação realizado por movimentos sociais.

Em um artigo fundacional, Snow *et al.* (1986) elaboraram os processos de alinhamento de quadros (*frame alignment processes*), que são as estratégias pelas quais as organizações dos movimentos ou atores representativos alinham seus quadros interpretativos com os de potenciais participantes. São quatro processos básicos: 1) *frame bridging*, a ligação de quadros ideologicamente próximos, mas ainda separados, sobre alguma questão; 2) *frame amplification*, o apelo a quadros já consolidados, como certos valores e crenças; 3) *frame extension*, a ampliação do quadro do movimento para incluir outras problemáticas; e 4) *frame transformation*, a modificação do quadro de indivíduos não mobilizados ou do movimento. Dentre as aplicações empíricas dessa abordagem nos últimos anos, destacamos dois estudos que também tratam do ativismo digital:

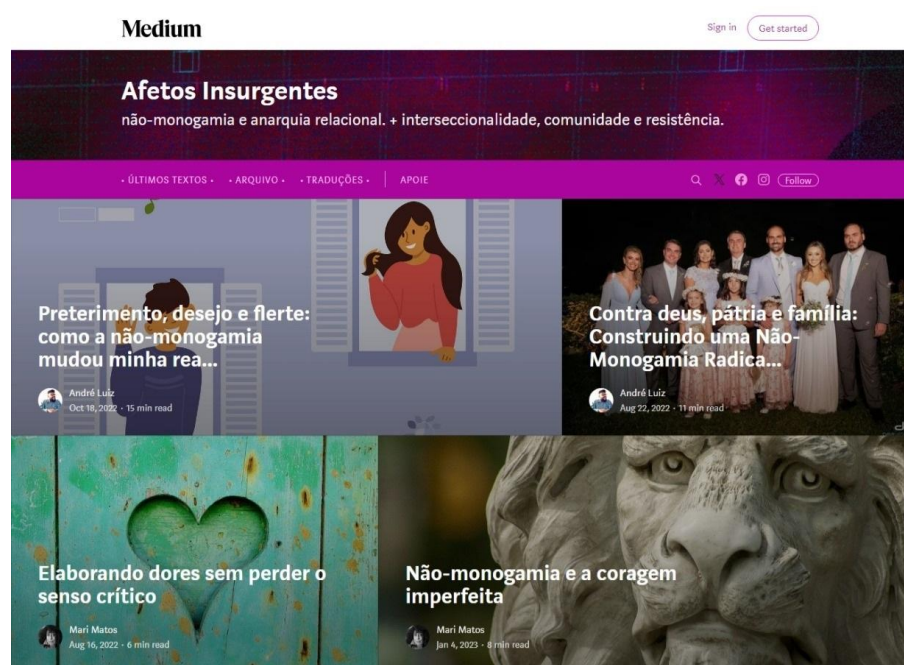
Hon (2016) analisou as publicações do grupo ativista antirracista *Million Hoodies Movement for Justice* em sua página do Facebook. O grupo foi criado no contexto do assassinato do jovem afro-americano Trayvon Martin em 2012 por um vigilante voluntário armado. Todas as estratégias de alinhamento foram identificadas, destacando-se *frame bridging* na ligação do caso Trayvon a outros casos de afro-americanos vítimas de racismo e *frame amplification* na exaltação da participação em protestos. Hon ainda sugere que as mídias sociais podem ser particularmente eficazes para que ativistas de movimentos locais divulguem seus enquadramentos.

Já Yang, Qiu e Zhu (2023) analisaram as estratégias de influenciadoras chinesas para engajar homens com o feminismo através de publicações no WeChat. Também identificaram todas as estratégias, destacando *frame amplification* no apelo a benefícios próprios e ao bem comum; *frame extension* na adesão a valores humanistas; e *frame transformation* na responsividade

a eventos sociopolíticos relevantes. As autoras concluem que o advento das mídias sociais fragmentou os processos de alinhamento: em vez de uma sequência temporal de *bridging* a *transformation* guiada pelos organizadores do movimento, há uma pluralidade de estratégias sendo aplicadas simultaneamente.

Tendo tal referencial como base para a análise que realizamos neste artigo, passamos à descrição do nosso objeto de pesquisa. O projeto Afetos Insurgentes foi concebido por Anita Bertelli com a intenção de difundir a anarquia relacional no cenário não monogâmico brasileiro (Gonçalves, 2022). Os perfis do projeto em diferentes redes sociais digitais direcionam o público para sua curadoria de textos, publicados através da plataforma online Medium.⁵ Inicialmente focado em traduções, o Afetos passou a contar cada vez mais com colaborações autorais. Colaboradores até o momento incluem André Luiz Vasconcelos – creditado como editor junto a Anita –, Ana Paula Fernandes, Mari Matos e Janos Biro Leite.

Figura 1 – Página do Afetos Insurgentes no Medium



Fonte: Afetos Insurgentes, [s.d.].

O corpus desta pesquisa é composto pelos 30 textos autorais publicados pelo projeto entre 2019 e 2023. Optamos por uma análise de conteúdo simples. Após efetuarmos uma primeira leitura do material, prosseguimos para a codificação.

Tabela 1 – Textos analisados

Ano de publicação	Título
2019	<i>Como eu desconstruí o Amor Romântico na prática</i>

⁵ O Medium é uma plataforma americana de publicação online criada por Evan Williams e lançada em 2012. Seu uso por ativistas já recebeu algum aprofundamento com Bittencourt (2016), que examinou a apropriação da plataforma pelo coletivo brasileiro Mídia Ninja. Segundo a autora, o Medium funciona de forma semelhante aos blogs.

2020	<i>Não tenho mais medo de gostar de alguém</i>
	<i>Eu e a Anarquia Relacional</i>
	<i>Sobre a reportagem do Fantástico sobre amantes e direitos</i>
	<i>Reflexão: Por que relacionar-se com pessoas monogâmicas costuma ser tão frustrante?</i>
	<i>Demonstrar afeto e se relacionar de forma Não Monogâmica</i>
	<i>Quebrando padrões monogâmicos: da escassez para a abundância relacional</i>
2021	<i>Família NÃO é o mesmo que Rede de Afetos</i>
	<i>Como a Não-Monogamia me ajudou a ter uma vida sexual mais saudável</i>
	<i>Para todos os "homenscisbet" não monogâmicos: precisamos ser melhores!</i>
	<i>Reflexões sobre como a Estrutura Monogâmica nos Isola em momentos de Crises</i>
	<i>O direito à privacidade é uma das bases da Não Monogamia!</i>
	<i>Pandemia x Não Monogamia: entre o individualismo e a coletividade</i>
	<i>Conheça a não-monogamia limpinha!</i>
	<i>O caso Kevin: Dissecando a Estrutura Monogâmica</i>
	<i>"Eu escolhi ser Monogâmico"</i>
	<i>Reflexão: Jout Jout e o Amor Livre</i>
	<i>A monogamia é patriarcal, e isso nunca vai mudar</i>
2022	<i>Meu Relacionamento Aberto é Monogâmico ou Não-monogâmico?</i>
	<i>A crise do Amor (Romântico)!</i>
	<i>Encanto e Família</i>
	<i>Comprando desconstrução: quando a Não-Monogamia se torna mercadoria</i>
	<i>Por que sentimos, vivemos e pensamos como casais—monogâmicos ou não</i>
	<i>Monogamia e Violência Doméstica: uma relação ainda pouco debatida</i>
	<i>Elaborando dores sem perder o senso crítico</i>
	<i>Contra deus, pátria e família: Construindo uma Não-Monogamia Radical e Antifascista</i>
2023	<i>Coisas boas podem acontecer com este corpo</i>
	<i>Preterimento, desejo e flerte: como a não-monogamia mudou minha realidade afetiva</i>
2023	<i>Não-monogamia e a coragem imperfeita</i>

<i>A clínica do fim do mundo: notas sobre o sofrimento emocional a partir de uma perspectiva política da não-monogamia</i>
--

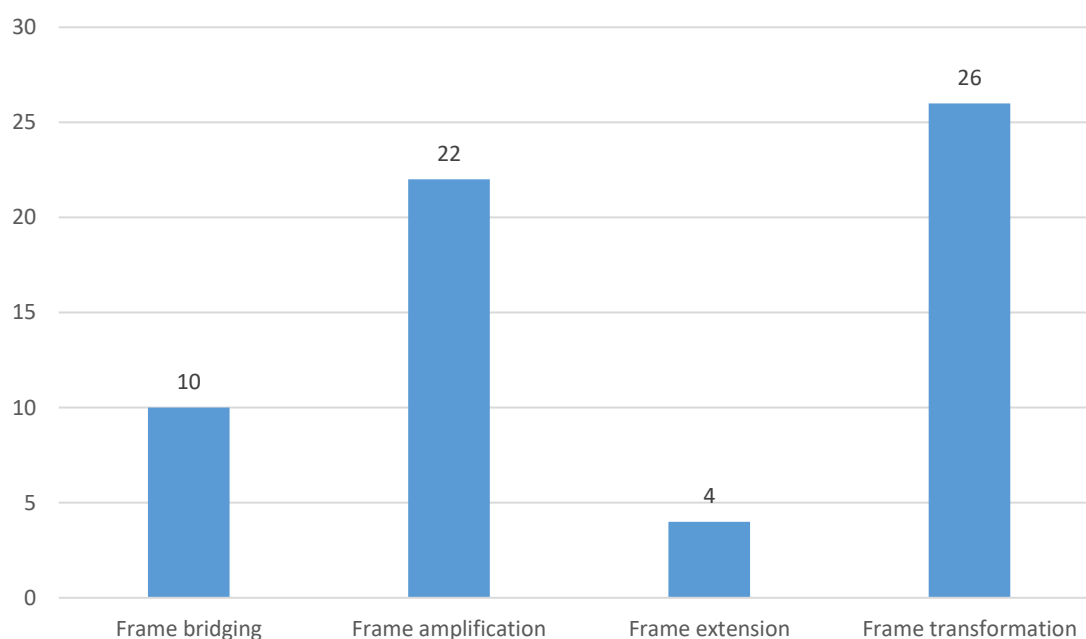
Fonte: Elaboração própria (2025)

Os quatro tipos de alinhamento de quadros elaborados por Snow *et al.* (1986) – *bridging*, *amplification*, *extension* e *transformation* – serviram de categorias para uma codificação dedutiva. Optamos por segmentos de texto como unidade de análise para que houvesse a possibilidade de identificar mais de um tipo de alinhamento em cada texto publicado. Em sucessivas releituras do material, buscamos localizar segmentos de texto que expressassem alguma das estratégias de alinhamento. Estes foram destacados e agrupados nas categorias.

Análise e discussão

Nesta seção, apresentamos os resultados de nossa análise. O gráfico a seguir oferece um panorama da presença das estratégias de alinhamento no corpus analisado:

Gráfico 1 – Presença das estratégias de alinhamento no corpus



Fonte: Elaboração própria (2025)

Em conformidade com Yang, Qiu e Zhu (2023), as estratégias de alinhamento não foram aplicadas sequencialmente, mas se sobrepuseram. O grande destaque é a estratégia de *frame transformation*, localizada em 26 dos 30 textos autorais.

Segundo Snow *et al.* (1986), a necessidade de transformação ocorre quando a causa de um movimento pode “não ressoar com os estilos de vida ou rituais convencionais e os quadros interpretativos existentes, e às vezes podem até parecer antitéticos a eles.” (p. 473, tradução própria). Nesse caso, é preciso substituir enquadramentos socialmente estabelecidos por novos. Essa estratégia costuma ser parte da mobilização para movimentos que buscam alterações na estrutura sociopolítica, e a transformação buscada pode ser de quadros específicos – “hábitos alimentares, padrões de consumo, atividades de lazer,

relacionamentos, status social e autopercepção” (p. 474, tradução própria) – ou quadros globais – todos os domínios da vida, uma espécie de “conversão”.

Ao longo de todo o corpus analisado, a estratégia aparece principalmente como um esforço por parte do projeto de apresentar uma nova interpretação da monogamia – e da não monogamia – para os leitores. Busca-se “desindividualizar” a monogamia, enquadrá-la como normativa e defender a não monogamia como uma alternativa radical.

A monogamia como a conhecemos é um fenômeno político. Não é (e nem nunca foi) uma simples questão de escolha pessoal. Nós “nascemos monogâmicos” por imposição de um projeto colonizador engendrado pelas classes dominantes. Não é exagero afirmar que a monogamia é um dos pilares responsáveis pela divisão da nossa sociedade em núcleos familiares que competem entre si. (*“Eu escolhi ser monogâmico”*, 2021)⁶

Não-monogamia é o entendimento de que apenas reestruturando a forma como nos relacionamos uns com os outros poderemos encontrar a saída do buraco onde nos encontramos. É absolutamente reducionista essa ideia de que não-monogamia é sobre a quantidade de pessoas com quem transamos. Nós queremos mudar o mundo. A possibilidade de transar com múltiplas pessoas é uma parte gostosa e, às vezes, complicada desse processo. (*A clínica do fim do mundo: notas sobre o sofrimento emocional a partir de uma perspectiva política da não-monogamia*, 2023)⁷

Além disso, há um esforço para transformação mesmo entre pessoas que já se consideram não monogâmicas. Este primeiro exemplo se refere à prática da não monogamia:

Acredito que muitos de nós, que nos identificamos como não-mono, ao lermos a análise feita por Finn até aqui já tenhamos identificado o quanto usamos e promovemos esses elementos em nossas relações íntimas, como se fossem “óbvios” e “necessários”. Pois bem: como Finn mostrará ao longo do restante de sua pesquisa, os casais não-monogâmicos (e os discursos psi que os acompanham), longe de divergir dos parâmetros e componentes do casal monogâmico clássico, irão reciclá-los e, muitas vezes até mesmo elevá-los e potencializá-los. (*Por que sentimos, vivemos e pensamos como casais — monogâmicos ou não*, 2022)⁸

Já este segundo exemplo ilustra a rejeição do reformismo em favor de uma transformação radical:

Não deveríamos lutar para reformar o sistema monogâmico, o capitalismo, o patriarcado, ou o que quer que seja. Ninguém deveria perder tempo implorando por um lugarzinho na mesa do sistema. Esse tipo de ativismo só serve para vender workshops que prometem que você sairá de lá com a alma transformada, canecas com a foto da Frida Kahlo e batom para a “mulher empoderada”. (*A clínica do fim do mundo*, 2023)

Assim, o projeto utiliza a estratégia de *frame transformation* para reenquadrar a monogamia e a não monogamia ao enfatizar o impacto das estruturas de poder nas relações interpessoais. Reconhece ainda que, mesmo entre aqueles que já se consideram não

⁶ Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/eu-escolhi-ser-monogamico-27565f27eeel>. Acesso em: 11 ago. 2025.

⁷ Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/a-clinica-do-fim-do-mundo-notas-sobre-o-sofrimento-emocional-a-partir-de-uma-perspectiva-politica-d7a3a6853305>. Acesso em: 11 ago. 2025.

⁸ Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/por-que-sentimos-vivemos-e-pensamos-como-casais-monog%C3%A2micos-ou-n%C3%A3o-29d2105a9db3>. Acesso em: 11 ago. 2025.

monogâmicos, há um potencial para transformação, indicando que os discursos e práticas ainda podem ser influenciados por padrões monogâmicos tradicionais. Há uma clara afinidade do projeto com as noções estruturais de monogamia e não monogamia defendidas por Núñez, Oliveira e Lago (2021) e Gonçalves (2021).

Em segundo lugar está a estratégia de *frame amplification*, localizada em 22 textos. Snow *et al.* (1986) dividem-na em amplificação de valores – “objetivos ou estados finais que os movimentos buscam atingir ou promover” (p. 469, tradução própria) – e amplificação de crenças – “elementos ideacionais que apoiam ou impedem cognitivamente a ação em busca de valores desejados” (p. 469-470, tradução própria). Os autores identificam cinco tipos de crenças recorrentes: na seriedade do problema, no locus de causalidade ou culpa, em estereótipos sobre os antagonistas, na eficácia da ação coletiva e na necessidade de agir.

Grande parte das estratégias de amplificação identificadas tratam de afirmar um locus de causalidade para a opressão de grupos minoritários. Três responsáveis aparecem com frequência: o amor romântico, o capitalismo e a colonialidade. Os exemplos abaixo ilustram essa responsabilização.

Ciúmes, controle do que não se controla, medo de solidão, maternidade compulsória, cisnormatividade, heteronormatividade... Tudo isso o amor romântico dá seu aval. (*Como eu desconstruí o Amor Romântico na prática*, 2019)⁹

Somos todos filhos desse projeto universal de doutrinação dos valores burgueses. Para que o capitalismo pudesse se expandir de maneira eficiente, junto com a exploração dos territórios colonizados, além da lógica econômica liberal, a burguesia impôs seu domínio moral e cultural até mesmo dentro da nossa subjetividade afetiva. (*Eu escolhi ser Monogâmico*”, 2021)

Outra crença amplificada que se destacou em nossa análise foi a crença na eficácia da ação coletiva. Ela aparece principalmente em enunciados construídos para motivar os leitores e afirmar a possibilidade de romper com a monogamia:

[P]ara aqueles que, assim como eu, estão no processo de ruptura com essa ideologia, quero que saibam que vocês não estão sozinhos. Existem muitos de nós: pessoas que não querem mais esse amor que as deixa burras (como disse Simone) e adoecidas. Que querem algo novo, revolucionário, que as impulse para a criação de redes de luta, para emancipação e não para o isolamento. Que querem relações que lhes abram os olhos, que multipliquem os afetos, que quebrem velhos paradigmas e que sejam livres para ir e vir. E mais do que tudo, que querem viver ao lado de pessoas conscientes do seu potencial no mundo, investidas na sua capacidade de trabalhar para o coletivo, e por fim, mudar a sociedade. (*A crise do Amor (Romântico)!*, 2021)¹⁰

[M]uitas pessoas vieram a aderir a não-monogamia quando já estavam casadas e criando suas famílias. E ainda assim, eu conheço diversas pessoas fantásticas que conseguiram criar processos emancipatórios impressionantes nessas condições. [...] Tudo é possível quando trabalhamos em conjunto, estudamos a teoria, acolhemos as críticas sem melindres e trazemos tal conhecimento para a prática. Cada um no seu ritmo, nas suas limitações, mas unidos por uma não-monogamia

⁹Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/como-eu-desconstruí-o-amor-romântico-na-prática-1b2cadb26126>. Acesso em: 11 ago. 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/a-crise-do-amor-rom%C3%A2ntico-d72bf2061534>. Acesso em: 11 ago. 2025.

saudável para todes. (*Meu Relacionamento Aberto é Monogâmico ou Não-monogâmico?*, 2021)¹¹

Já a amplificação de valores não é um foco nos textos, mas surge esporadicamente para fornecer um esboço do tipo de sociedade almejada:

A nossa posição é anti-hegemônica e abomina todo o individualismo liberal propagado pelas instituições capitalistas. Nossa missão é denunciar as mazelas da estrutura monogâmica e lutar por um mundo livre desse sistema. (*Meu Relacionamento Aberto é Monogâmico ou Não-monogâmico?*, 2021)

[N]ossa crítica à monogamia não é sobre estilo de vida, é uma crítica sistêmica e ancorada no nosso mais profundo desejo pelo fim do capitalismo e todas as suas violentas manifestações (machismo, homofobia, racismo...). (*Pandemia x Não Monogamia: entre o individualismo e a coletividade*, 2021)¹²

A estratégia de *frame amplification* se provou constante e importante em nossa análise do material. Há um grande esforço por parte do projeto para explicar como estruturas opressivas se relacionam à monogamia, o que conecta as estratégias de amplificação e transformação: se o leitor já compartilha com os autores a crença na capacidade estruturante do capitalismo ou da colonialidade, por exemplo, questionar a autonomia do indivíduo na escolha pela monogamia torna-se mais fácil. A pouca ênfase no estado final pretendido pela anarquia relacional parece indicar que a crítica da sociedade atual é priorizada como estratégia em detrimento da especulação de uma sociedade futura.

Já a estratégia de *frame bridging* pode ocorrer a nível individual ou organizacional, e busca mobilizar pessoas que tenham queixas e atribuições em comum ao movimento. Snow *et al.* (1986) afirmam que esta é uma estratégia bastante popular, e que costuma ser efetuada através de canais de informação. Em nossa análise, o uso de *frame bridging* por parte do projeto se deu principalmente através da afirmação do vínculo da não monogamia com outras lutas anti-opressão, como no trecho abaixo:

[N]ossa luta é especialmente dedicada às pessoas que mais sofrem com as violências desse sistema: estamos falando de pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, gordas, periféricas e de todes que se identificam com o gênero feminino. (*Comprando desconstrução: quando a Não-Monogamia se torna mercadoria*, 2022)¹³

Adicionalmente, outro padrão de *bridging* que surgiu em nossa análise foi a comparação da monogamia com outras dominações sistematizadas – capitalismo, colonialismo e patriarcalismo –, e consequentemente dos ativistas não monogâmicos com ativistas anticapitalistas, anticoloniais e feministas, fortalecendo a ideia de que a luta não monogâmica é parte de um espectro mais amplo de resistência contra estruturas opressivas.

Dependendo da sua sorte, dá para ter uma vida minimamente decente dentro do capitalismo? Dá. Isso significa então que é bom para todo mundo? Não. Eu posso optar por viver fora desse sistema? Não, ele é global e atravessa todos os povos. [...] E o mesmo pode se dizer da monogamia. Sim, é possível que inúmeras

¹¹Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/meu-relacionamento-aberto-%C3%A9-monog%C3%A2mico-ou-n%C3%A3o-monog%C3%A2mico-5f4d169ccab0>. Acesso em: 11 ago. 2025.

¹²Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/pandemia-x-n%C3%A3o-monogamia-entre-o-individualismo-e-o-coletivismo-fb7c5a6bbd23>. Acesso em: 11 ago. 2025.

¹³Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/comprando-desconstru%C3%A7%C3%A3o-quando-a-n%C3%A3o-monogamia-se-torna-mercadoria-b6e80a061aac>. Acesso em: 11 ago. 2025.

peças tenham momentos felizes dentro dela, mas isso está longe de significar que sua estrutura seja boa para a sociedade como um todo (pelo contrário). E sobre a possibilidade de viver “fora desse sistema”, mesmo dentro do movimento Não-Mono somos atravessados por ele. Cada um de nós sente de maneiras diferentes o peso dessa estrutura, alguns mais, outros menos, todavia todos o sentimos, sem exceção. (*“Eu escolhi ser Monogâmico”*, 2021)

Gosto de lembrar que a colonização foi e é até hoje definida como uma missão de civilização e desenvolvimento. Assim, a devastação produzida por ela é retratada como um pequeno preço a se pagar pelo progresso, a violência em nome de um bem maior. Na mesma linha, muitas violências são cometidas em nome do amor, encontrando nessa narrativa seu amparo moral e aprovação social. (*Monogamia e Violência Doméstica: uma relação ainda pouco debatida*, 2022)¹⁴

Se você, por exemplo, está super feliz com sua família, com sua cerca branca, sua filha e companheiro, parabéns, a vida é curta, aproveite a felicidade que te encontra. Mas peço que você não sabote essa discussão por causa da sua experiência pessoal. [...] Por exemplo: quando uma mulher afirma que dentro do regime patriarcal, todo o homem é um estuprador em potencial, não sou eu que vou virar e dizer “mentira, só homens maus fazem isso, eu nunca fiz isso”. (*Contra deus, pátria e família: Construindo uma Não-Monogamia Radical e Antifascista*, 2022)¹⁵

Nota-se que o projeto Afetos Insurgentes busca ser um espaço de reflexão crítica, onde experiências pessoais não devem obscurecer a necessidade de discutir as violências inerentes a certas estruturas sociais. Ao articular a luta pela não monogamia com as questões enfrentadas por outros grupos marginalizados e a monogamia com outras formas de opressão, o movimento busca ampliar sua base de apoio e solidificar sua relevância social. Apesar de o Medium ser um canal de informação, o alinhamento por *bridging* não aparece como prioridade, o que sugere um reconhecimento por parte dos editores de que o tema exige estratégias mais complexas.

Por fim, identificamos poucos esforços de *frame extension* em nossa análise. Nesse tipo de alinhamento, há uma extensão do quadro inicial do movimento para que seus objetivos sejam vistos como congruentes aos interesses de potenciais adeptos. Um exemplo oferecido por Snow *et al.* (1986) é o apelo a grupos minoritários não originalmente incluídos no quadro inicial.

Os segmentos codificados nessa estratégia são principalmente interações generalistas com membros de grupos minoritários, de forma próxima ao exemplo mencionado anteriormente.

Mas quem está a margem sabe o país que tem. O país que desrespeita e extermina seus povos originários, que discrimina e encarcera sua população negra, que obriga mulheres estupradas a darem a luz, com a polícia que mais mata no mundo, que está em vias de destruir o ecossistema mais valioso do planeta, no topo da lista de assassinatos de pessoas trans... (*Contra deus, pátria e família*, 2022)

Outros exemplos não recorrentes demonstram uma aproximação com pessoas que possuem transtornos mentais e com profissionais de saúde mental:

Vejo muito que as pessoas se isolam por medo de serem um peso para as outras pessoas em momentos de crise. E isso fala muito sobre como a nossa sociedade

¹⁴Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/monogamia-e-viol%C3%Aancia-dom%C3%A9stica-uma-rela%C3%A7%C3%A3o-ainda-pouco-debatida-3ec226ac91ce>. Acesso em: 11 ago. 2025.

¹⁵ Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/contra-deus-p%C3%A1tria-e-fam%C3%ADlia-construindo-uma-n%C3%A3o-monogamia-radical-e-antifascista-1def397e4bb3>. Acesso em: 11 ago. 2025.

lida com as pessoas com algum transtorno, ou mesmo uma crise que não necessariamente tem a ver com transtorno (por exemplo: raiva porque alguém foi babaca) e por medo de não ser um peso para a outra pessoa, a gente se isola. (*Reflexões sobre como a Estrutura Monogâmica nos Isola em momentos de Crises*, 2021)¹⁶

Falo sobre isso porque psicólogos tal como pessoas não-monogâmicas ganham o status de seres evoluídos e são cobrados como tal. Porém, não atendemos as pessoas por sermos bem resolvides. Em parte, só conseguimos fazer esse trabalho porque sabemos da complexidade de sustentar o viver. (*Não-monogamia e a coragem imperfeita*, 2023)¹⁷

A baixa extensão do quadro interpretativo por parte do projeto ao longo de cinco anos chama atenção para a fixidez do quadro inicial. Uma razão para isso é o possível entendimento de que o quadro inicial é suficientemente amplo para atingir o público pretendido, já que combina as lutas anarquista, anticapitalista, anticolonial, antirracista, feminista e queer desde o princípio.

O quadro interpretativo construído pelo projeto possui bastante em comum com outras perspectivas não monogâmicas do cenário brasileiro, sejam as relações livres ou a não monogamia anticolonial de Núñez, Oliveira e Lago (2021). A especificidade da anarquia relacional, que seria sua relação com o anarquismo, é pouco mencionada nos segmentos codificados, o que nos leva a concluir que a comunicação estratégica do projeto prefere aproximar a anarquia relacional das outras não monogâmias de abordagem estruturalista do que afirmar suas particularidades. Cabe ressaltar que as críticas ao poliamor que levaram Andie Nordgren a elaborar a anarquia relacional também ocorriam no movimento não monogâmico brasileiro antes de o Afetos ter início, o que pode explicar a postura de coalizão dos textos.

Considerações finais

Fundamentada na literatura sobre processos de alinhamento de quadros, a análise dos textos autorais publicados pelo projeto anarquista relacional Afetos Insurgentes nos permitiu identificar a centralidade da estratégia de *frame transformation* na comunicação do projeto. Especificamente, o projeto busca transformar a interpretação cultural da monogamia ao apresentá-la não como uma escolha individual, mas como uma imposição cultural e política. Além disso, amplifica-se a crença do amor romântico, do capitalismo e da colonialidade como antagonistas, aproximando a luta não monogâmica de outras lutas mais bem estabelecidas na esquerda.

Este estudo empírico busca contribuir com a observação da participação da anarquia relacional no movimento não monogâmico brasileiro. Os resultados indicam que, apesar da base anarquista dessa vertente, a comunicação estratégica do Afetos não faz uma diferenciação rígida entre sua abordagem e a abordagem dos demais ativismos que elaboram uma crítica estrutural à monogamia. Se o inverso for recíproco, é possível que a estratégia de *frame transformation* seja central para todos esses ativismos, o que pode ser verificado em pesquisas futuras.

Dado o foco da nossa análise em atribuir estratégias de alinhamento ao ativismo do projeto, o aspecto temporal não é aprofundado. Explorar a relação dos textos com o

¹⁶Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/reflex%C3%B5es-sobre-como-a-estrutura-monog%C3%A2mica-nos-isola-em-momentos-de-crisis-378bd746d847>. Acesso em: 11 ago. 2025.

¹⁷Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes/n%C3%A3o-monogamia-e-a-coragem-imperfeita-487c3e448759>. Acesso em: 11 ago. 2025.

contexto sociopolítico de sua publicação é outra possibilidade para pesquisas futuras. Além disso, examinar discordâncias internas do movimento não monogâmico a partir da noção de disputa de enquadramento (*frame disputes*) pode ser uma continuidade pertinente da investigação aqui proposta. O potencial do tema para os estudos de comunicação está longe de se esgotar.

Referências

- AFETOS INSURGENTES. *Afetos Insurgentes – Medium*. Disponível em: <https://medium.com/afetos-insurgentes>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- AMSTER, R. Anti-Hierarchy. In: FRANKS, B.; JUN, N.; WILLIAMS, L. A. (Eds.). *Anarchism: a conceptual approach*. New York: Routledge, 2018. p. 15-27.
- BITTENCOURT, M. C. A. Em tempos de mediação do ativismo: repensando características da narrativa jornalística digital através da apropriação do Medium pelo Mídia Ninja. *Animus*, v. 15, n. 30, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/2175497716199>.
- CORTÉS, J. C. P. *Anarquía relacional: la revolución desde los vínculos*. Madrid: La Oveja Roja, 2020.
- FRASER, N. Publicity, Subjection, Critique: A Reply to My Critics. Em: NASH, K. (Ed.). *Transnationalizing the public sphere*. Cambridge: Polity Press, 2014b. p. 129-156.
- GONÇALVES, Í. V. Matemática dos afetos, dissensos e sentidos sociais acerca das noções de “monogamia” e “não-monogamia”. *Teoria e Cultura*, v. 16, n. 3, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-101x.2021.v16.34430>.
- GONÇALVES, Í. V. *Projetos poliamorosos em rede: narrativas de casais não monogâmicos em busca de um novo amor*. 2022. 232 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.
- HON, L. Social media framing within the Million Hoodies movement for justice. *Public Relations Review*, v. 42, n. 1, p. 9-19, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pubrev.2015.11.013>.
- JEPPENSEN, S. et al. Grassroots autonomous media practices: a diversity of tactics. *Journal of Media Practice*, v. 15, n. 1, p. 21-38, 2014. DOI: <https://doi.org/10.04.56/14682753.2014.892697>.
- MONTICELLI, L. On the necessity of prefigurative politics. *Thesis Eleven*, v. 167, n. 1, p. 99-118, 2021. DOI: <https://doi.org/10.04.153/07255136211056992>.
- MOUFFE, C. The Importance of Engaging the State. In: PUGH, J. (Ed.). *What is radical politics today?* London: Palgrave Macmillan, 2009. p. 230-237.
- NICHOLAS, L. Gender and Sexuality. In: LEVY, C.; ADAMS, M. S. (Eds.). *The Palgrave handbook of anarchism*. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 603-621.
- NÚÑEZ, G. D.; OLIVEIRA, J. M. D.; LAGO, M. C. D. S. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. *Teoria e Cultura*, v. 16, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2021.v16.34439>.

PILÃO, A. C. Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor ± relações livres. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, n. 38, p. e22205, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22205.a>.

PRUDENCIO, K. C. DE S.; SANTOS, J. J. DOS. Mídia e movimentos sociais: um esboço metodológico a partir da *frame analysis* de Erving Goffman. *Anais Compólitica*, 2011.

SHANTZ, J. *Organizing anarchy: anarchism in action*. Leiden Boston: Brill, 2020.

SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA, M. M. Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*, v. 25, n. 61, p. 143-164, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-987317256102>.

SNOW, D. A. et al. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. *American Sociological Review*, v. 51, n. 4, p. 464-481, 1986. DOI: <https://doi.org/10.2307/2095581>.

YANG, X.; QIU, H.; ZHU, R. Bargaining with patriarchy or converting men into pro-feminists: social-mediated frame alignment in feminist connective activism. *Feminist Media Studies*, v. 23, n. 6, p. 2610-2628, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/14680777.2022.2075909>.